

humanização

CLASSES HOSPITALARES GARANTEM EDUCAÇÃO, AFETO E EXPECTATIVA DE FUTURO A CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO



**Escola,
o melhor
remédio**





O biólogo Pedro Malheiros tinha 13 anos quando foi diagnosticado com linfoma de Hodgkin. Ao longo de dois anos de tratamento, que incluíram quimioterapia, radioterapia e transplante de medula óssea, concluiu o oitavo e o nono anos do Ensino Fundamental na classe hospitalar do INCA. O projeto, viabilizado por parcerias entre unidades de saúde e secretarias de Educação, tornou-se um direito assegurado por lei em 2018, quando uma diretriz específica foi elaborada, regulamentando a iniciativa. Antes, porém, em diversas instituições, como o INCA, esses espaços já haviam sido criados com base nos princípios inclusivos previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Mais do que conteúdo curricular, a classe hospitalar oferece acolhimento, reduz o impacto emocional da hospitalização e preserva o vínculo com a vida fora da unidade de saúde. Dessa forma, Pedro, hoje com 26 anos, assim como milhares de crianças e adolescentes em tratamento oncológico no Brasil, pôde seguir aprendendo, sonhando e projetando o futuro.

“Graças às professoras, consegui dar seguimento aos estudos mesmo em um período tão difícil. A atenção e o carinho transformavam momentos de dor em esperança”, recorda Pedro, que, anos depois, já universitário, retornou à instituição para agradecer às educadoras.

A Lei n.º 13.716/2018, que alterou a LDB, garante atendimento a estudantes da Educação Básica internados ou em tratamento domiciliar. Amparada também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e por resoluções do Conselho Nacional de Educação, a norma torna obrigatório o acompanhamento pedagógico durante o afastamento escolar, evitando evasão e defasagem.

No INCA, a classe hospitalar completou 25 anos em 2025, consolidando-se como referência nacional. Nesse período, realizou mais de 2.100 matrículas. Apenas em 2024, foram cerca de 600 atendimentos (cada paciente matriculado costuma ser atendido várias vezes), com média mensal de 60 a 70 alunos. O serviço é fruto de convênio com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e garante aulas da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, seguindo o calendário oficial da rede.

AMBIENTES DIVERSOS

As atividades acontecem em diferentes espaços do hospital: sala de aula, ambulatório de quimioterapia pediátrica, leitos de internação, CTI e Centro de Transplante de Medula Óssea, permitindo aos pacien-

tes darem continuidade à rotina escolar. “O convênio ajuda a tirar o foco exclusivo da doença, trazendo esperança de futuro para crianças e familiares”, afirma a professora Izabel Christina Machado de Oliveira, há 23 anos na classe hospitalar do Instituto.

Além das aulas regulares, o ambiente escolar é recriado dentro do hospital com festas juninas e comemorações pelo Dia das Crianças, Natal e aniversários individuais, com bolo preparado pela equipe de nutrição e presentes viabilizados pelo INCAvoluntário, ONG que trabalha em parceria com o Instituto. Segundo a professora Juliana Cassia de Avellar Serpa, o objetivo do trabalho é manter o vínculo com a escola



Jaíne Oliveira/AscomHoiol

No Pará, pacientes do Hospital Octávio Lobo participam de atividades educativas variadas, como as ligadas às ciências

“Graças às professoras, consegui dar seguimento aos estudos mesmo em um período tão difícil. A atenção e o carinho transformavam momentos de dor em esperança”

PEDRO MALHEIROS, biólogo





Carlos Leite/INCA

As atividades escolares no INCA acontecem em diferentes espaços, como sala de aula, leitos de internação e CTI

e mostrar que os pacientes são, antes de tudo, estudantes. A iniciativa, de acordo com ela, gera benefícios que vão além do conteúdo pedagógico.

“A aprendizagem ajuda a reduzir a ansiedade e o sentimento de isolamento. Quando a criança percebe que consegue aprender, mesmo no hospital, isso fortalece sua autoestima e contribui também para a recuperação”, diz.

ALÍVIO

Assim como no INCA, em diferentes pontos do País, crianças e adolescentes têm a chance de continuar estudando enquanto tratam o câncer. No Pará, o Hospital Oncológico Infantil Octávio Lobo, gerido pelo governo estadual, mantém, desde 2015, uma classe hospitalar em parceria com a Secretaria de Educação do Estado. Cerca de 50 jovens são atendidos por ano — aproximadamente 650 desde a implantação do serviço. A equipe reúne 11 professores da rede estadual, com aulas multisseriadas de cerca de 45 minutos, que contemplam do Ensino Fundamental ao Médio e são adaptadas à condição clínica dos estudantes. “Muitos concluem a Educação Básica no ambiente hospitalar e ingressam no Ensino Superior com resultados muito positivos”, ressalta Elvira Santos, professora responsável pela comunicação do hospital com a escola de origem do aluno.

No Hospital da Fundação Hospitalar Estadual do Acre, o pequeno Elias Gifone da Rocha, de 3 anos, viu sua rotina ser atravessada por consultas, exames e internações após o diagnóstico de leucemia. Em meio ao impacto da doença e às exigências do tratamento, a família encontrou apoio na classe hospitalar e na brinquedoteca da unidade de saúde.

“As professoras são muito atenciosas e extremamente dedicadas. Desde o primeiro contato, trataram o Elias com muito carinho, respeitando o tempo dele, principalmente nos dias em que estava mais cansado por causa do tratamento”, relata o motoboy David Brito da Rocha, pai do menino. “Elas conseguem transformar o ambiente hospitalar em um espaço mais leve, mais parecido com o da escola, mesmo dentro de uma realidade tão difícil.”

Em média, 30 crianças são atendidas por ano, totalizando cerca de 5.500 estudantes desde que o serviço foi implantado, em 2008, por iniciativa da Federação das Indústrias do Estado do Acre, em parceria com a Secretaria de Estado de Educação e Cultura (SEE). As atividades seguem o Currículo Único de Referência do Estado e a Base Nacional Comum Curricular, com adaptações individualizadas.

Caso um afastamento prolongado seja necessário, o paciente é encaminhado para o atendimento pedagógico domiciliar. “A classe hospitalar não substitui a escola regular, mas evita prejuízos acadêmicos e emocionais”, defende Hadhianne Peres, chefe do Departamento de Educação Especial da SEE. Após a alta, a escola de origem recebe relatório pedagógico que facilita a reintegração do estudante.

David Brito concorda. Quando teve o diagnóstico do filho, ele lembra que uma das preocupações era justamente evitar que o menino perdesse completamente a ligação com o aprendizado e com a rotina infantil.

“A aprendizagem ajuda a reduzir a ansiedade e o sentimento de isolamento. Quando a criança percebe que consegue aprender, mesmo no hospital, isso fortalece sua autoestima e contribui também para a recuperação”

JULIANA CASSIA DE AVELLAR SERPA,
professora da classe hospitalar do INCA





Em média, 30 estudantes recebem acompanhamento educacional por ano no Hospital Estadual do Acre

“A classe hospitalar ajuda as crianças a não ficarem atrasadas na escola mesmo durante o tratamento. Sabemos que a prioridade é a saúde, mas também é importante manter o desenvolvimento. Isso nos dá mais tranquilidade como pais”, afirma. “Além disso, as professoras têm sensibilidade: sabem quando insistir um pouco mais, quando transformar a aula em brincadeira, quando simplesmente conversar. Isso faz com que o Elias não associe o hospital só à dor e aos procedimentos.”

EXPANSÃO

No Hospital de Amor Infantojuvenil, em Barretos (SP), a classe hospitalar funciona desde 2005, em parceria com a Diretoria de Ensino da Secretaria Municipal de Educação e vinculada à Escola Estadual Professor Benedito Pereira Cardoso. O projeto, que começou para evitar que os pacientes perdessem o ano letivo, foi ampliado ao longo do tempo com a criação de mais duas classes, em 2015 e 2019. Atualmente, atendem, por ano, cerca de 40 alunos de várias regiões do Brasil e da América Latina, do 1.º ano do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, e ajudam na preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Em duas décadas, estima-se que aproximadamente mil alunos tenham sido beneficiados. Um deles foi Guilherme José Vanzo, hoje com 21 anos e estudante de Agronomia. Em 2019, o jovem ingressou no hospital para tratar uma leucemia mieloide aguda.

“A classe hospitalar foi muito importante, pois ele continuou a estudar na medida do possível e não perdeu o ano letivo. Também fez muitas amizades, o que ajudou no tratamento. Até hoje tem amigos [daquela época] que vai levar para a vida toda. Infelizmente, alguns faleceram por causa da doença, e isso

“As professoras são muito atenciosas e extremamente dedicadas. Desde o primeiro contato, trataram o Elias com muito carinho, respeitando o tempo dele, principalmente nos dias em que estava mais cansado por causa do tratamento”

DAVID BRITO DA ROCHA,
pai do paciente Elias Gifone da Rocha



No Hospital de Amor, a Classe Hospitalar vai do 1.o ano do Ensino Fundamental ao Ensino Médio

também o afetou bastante. Mas tudo na vontade de Deus”, comenta a dona de casa Silvana Vanzo, mãe de Guilherme.

As aulas ocorrem diariamente, com quatro horas de atividades no ambulatório e em atendimentos individualizados nos leitos. “Mais do que evitar a repetência, o projeto garante que o aluno retorne à sala de aula em condições de igualdade após o tratamento”, destaca Leane Carvalho, que está à frente da iniciativa.

São cadernos abertos, projetos de vida em construção e sonhos que seguem vivos. ■